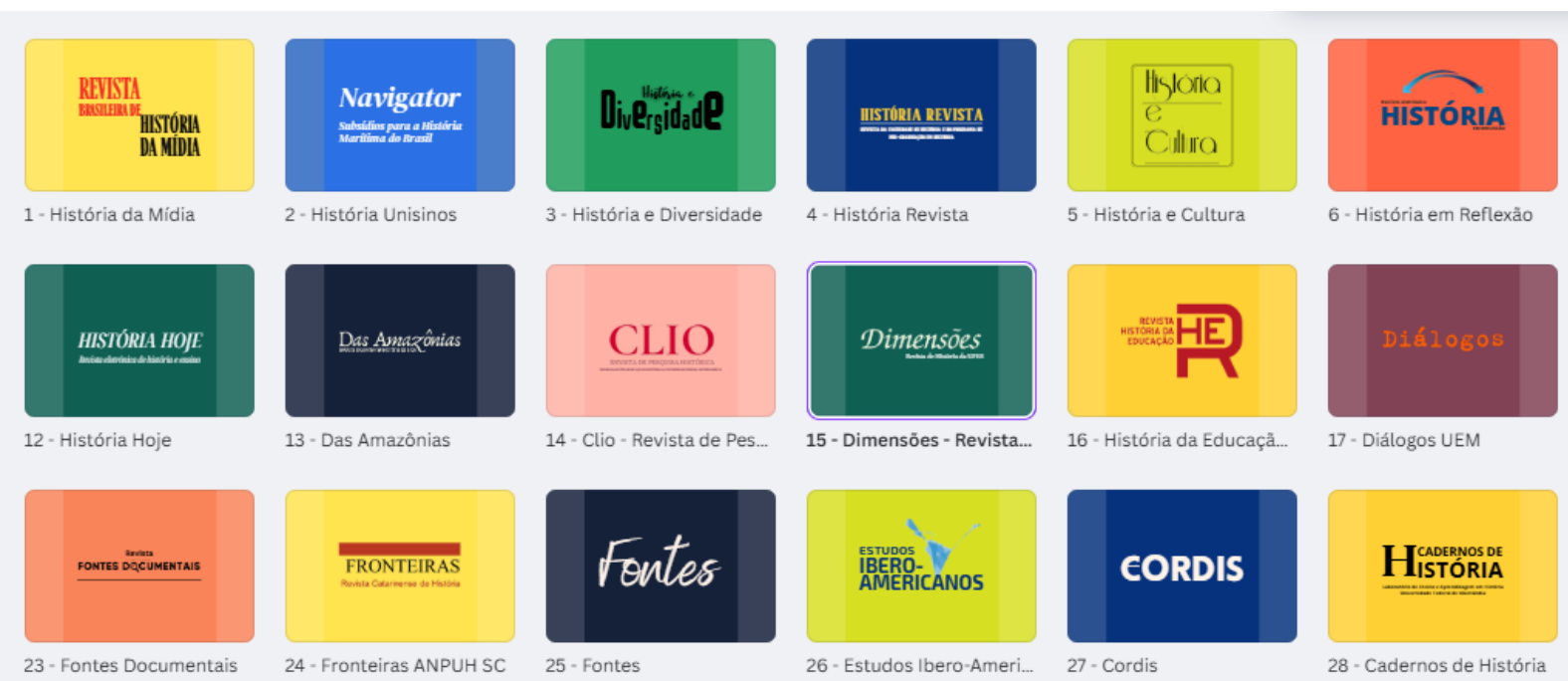


Crítica Historiográfica

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Revistas brasileiras de História | Imagem: *Crítica Historiográfica*

Revistas Brasileiras de História: breve perfil em agosto de 2025

Itamar Freitas (UFS), Margarida Maria Dias de Oliveira (UFRN), Jane Semeão (URCA) e Fábio Alves (UFS)

Resumo: Este ensaio atualiza, em agosto de 2025, o inventário das revistas brasileiras de História, publicado inicialmente em 2022. Identificam-se 267 periódicos, majoritariamente de acesso aberto, com protagonismo dos programas de pós-graduação em História. Propõe-se um sistema de classificação baseado na instituição de custódia, no foco/escopo e no título/subtítulo. A análise revela que 72% das revistas são ativas, 17% intermitentes e 12% inativas, confirmando a resiliência do sistema, apesar de uma mortalidade relativa de 18% entre 2007 e 2020. Destaca-se a concentração no eixo RJ-SP-MG, embora todas as regiões estejam representadas. Conclui-se que as revistas constituem instrumentos centrais de institucionalização e difusão da historiografia nacional.

Palavras-chave: revistas de história; periódicos acadêmicos; historiografia brasileira.

1. Introdução

Neste agosto de 2025, aniversário do quarto ano da revista *Crítica Historiográfica*, atualizamos a cartografia dos periódicos brasileiros de História, sobre a base publicada em agosto de 2022, com duas novidades. A primeira é o detalhamento dos critérios de definição de “revista de História”, apresentado de modo sintético no texto anterior (Freitas et al; 2022). A segunda é um ensaio de classificação das revistas fundado em critérios que priorizam a e ancoragem institucional, a autodefinição nos focos/escopos e nos títulos e subtítulos de cada periódico.

Com a atualização, acrescentamos sistematicamente uma proposta de indicador sobre as práticas dos profissionais de História no Brasil. Vocês verão a seguir que uma lista com títulos, anos de fundação, instituições de custódia, estados e cidades que sediam periódicos, atitudes e termos dominantes do foco/escopo pode informar sobre a quantidade, a extensão, o ritmo e os interesses dos trabalhadores na área, ao menos, entre 2020 e 2024.¹

Verão também o significado de um país possuir duas centenas e meia de periódicos de História, com acesso aberto à quase totalidade dos títulos em circulação e, conseqüentemente, a necessidade de os alunos e profissionais da área pensarem duas vezes antes de selecionarem suas fontes, priorizando o antigo Qualis A1. O simples fato de reconhecer a existência desses periódicos já abre a possibilidade de pensar nos milhares de artigos que são publicados por ano e, em alguns casos, na dezena de textos que não consultamos para construir os nossos trabalhos e que, provavelmente, nunca serão citados se os algoritmos das Big Techs, por exemplo, não os capturarem como link relevante. O inventário, inclusive, ajuda na busca de respostas para esta questão colocada pelos editores de “revistas acadêmicas na área de História” no mesmo ano que divulgamos a primeira versão do inventário: “será que lemos e acompanhamos os artigos que saem nos periódicos, ao menos, nas áreas de nossas especialidades?” (Castellucci, 2022, p. 5). Como explicita a revista *Crítica Historiográfica*, desde o seu primeiro número, o conhecimento exaustivo e representativo da literatura acadêmica é condição básica para a validação do conhecimento historiográfico.

2. Indicadores para uma definição de “revista de História”

“Revista de História” é um sintagma nominal cujo núcleo – “Revista” – é acompanhado por um complemento nominal – “de História” – que atribui a ela um valor específico ou de pertença. Para alguns especialistas, o nome “revista” é autoexplicativo: passar em revista diversos assuntos e viabilizar leitura não contínua e seletiva (Rocha, 2001, p. 45-51). Lançando mão de empréstimos multidisciplinares, é também fácil definir periódico científico ou revista acadêmica por sua função de assegurar a propriedade intelectual, divulgar resultados originais de pesquisa e revisar a literatura, visando à manutenção de padrões de qualidade ou, ainda, à criação de um lugar de realização, afirmação e produção de um grupo intelectual (Mueller, 2000, p. 73-95; Rocha, 1985, p. 33-75). Consultando os instrumentos que as regulam ou as transformam em uma instituição, constatamos que, no

¹ As ações fazem parte do projeto “Crítica historiográfica e padrões epistemológicos em periódicos de História (2000-2024)”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS), no período de janeiro a agosto de 2025. Entre março e agosto de 2025, participaram do inventário os seguintes alunos da Universidade Federal de Sergipe, aos quais agradecemos a presteza e o profissionalismo: Ana Carla, Ana Paula, Elisabeth Oliveira, Heloísa Gabriela e Valéria Santana.

Brasil, “revista” é uma “publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas com designações numéricas e/ou cronológicas, e destinada a ser continuada indefinidamente” (ABNT-NBR 2021).

Assim, tanto nos estudos sobre historicidade das “revistas” como na regulação dos artefatos, a definição de “revista” permanece abstrata, como, em geral, denota o comportamento dos pesquisadores de história da historiografia ou de história dos intelectuais ao citarem o artefato como “instrumento de sociabilidade” e de estruturação do “campo intelectual”, de “fermentação intelectual e de relação afetiva” (Sirinelli, p. 248-249), geradores de indicadores de “capital de poder e de notoriedade intelectual” ou de “poder e de prestígio científico” (Bourdieu, 2008, p. 259-262).

Quando adjetivada como “histórica” ou “de História”, mesmo para quem não adota a perspectiva do “campo” disciplinar, científico ou intelectual bourdieusiano, revista é referida funcionalmente. Ela ganha peso quando se quer defender o artigo científico como “veículo onipresente, de preparo fácil, destinado ao consumo e a reflexão intelectual razoavelmente rápidos, quando comparado ao gênero monografia” (Hérubel, 2008, p. 244), ou quando se quer conhecer o fazer dos profissionais de história, no que diz respeito, por exemplo, às fontes que eles empregam na construção dos seus trabalhos. Para 98% historiadores estadunidenses da primeira década deste século, a revista de história era a segunda fonte de informação, rivalizando com os livros (99%) e secundada pelos manuscritos, arquivos e coleções especiais (94%). Sua importância cresceu, inclusive, como forma principal de encontrar informações, colhidas entre as resenhas publicadas em suas páginas (Dalton; Charnigo, p. 404-405).

Na mesma direção, por fim, e de modo mais geral, a revista ganha peso quando está em jogo a profissionalização, institucionalização, transnacionalização, modelização e autonomização da História e/ou do trabalho dos profissionais de História. Revistas “de história” são produtos de associações, sociedades e institutos históricos, faculdades, centros de estudos e universidades criadas para distribuir prestígio e disseminar códigos de ética, compêndios de princípios e guias práticos adjetivados de “históricos” para serem, obviamente, seguidos por quem almeja inclusão legítima no domínio disciplinar. Isso ocorre na Argentina (Zeitler, 2009), no Brasil (Nicolazzi, 2015; Araújo; Cezar, 2018; Costa, 2020), nos EUA e na Alemanha (Lingelbach, 2011), por exemplo.

Contemporaneamente, no Brasil, quando instados a mensurar a qualidade do trabalho do profissional de História, revistas são também indicador importante. Contudo, a dificuldade de definir revista de História permanece. No principal regulador nacional – expresso pelo Qualis-Capes, revistas acadêmicas são “veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção” (CAPES-Qualis, 2023, p.4). Verticalizando a tarefa, no interior do Grupo de Trabalho de História, a definição inexistente, forçando ou estimulando o leitor do relatório a construí-la, a partir do exame de quatro classes de atributos reguladores da sua qualidade: uma revista de História pode ser “científica ou predatória”, “exógena” ou “adotada”, “nacional ou estrangeira”, “indexada ou não indexada internacionalmente” e enquadrável em extratos “A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3 e B4”. (CAPES Qualis História, 2019). Por tais atributos, há seis anos, eram revistas “de História” a *African Arts* (0001-9922), *Foreign Policy* (0015-7228), o *Boletim de Geociências do Centro-Oeste* (0104-7744) e a revista *Carta-Capital* (1809-6697). O estranhamento que a tipificação “histórica” desses periódicos pode provocar no leitor é compreensível, mas explicável (CAPES Qualis História, 2019, p. 2) pelo seguinte comportamento dos

avaliadores: revista de história é todo veículo que publica artigos de professores e alunos de cursos de Pós-Graduação em História, registrados na Plataforma Sucupira. Contudo, algumas revistas rotuladas “de história” que lhes entregam para a avaliação não nos parecem revistas “de História”, razão pela qual eles são levados a estabelecer uma gradação segundo o critério da aderência ao campo.

Esses critérios, entretanto, não são detalhados pelos autores do relatório, provavelmente, por causa da multiplicidade de atores e de situações comunicativas nas quais e com as quais as revistas de História são constituídas. Os resultados, entre outros fatos são: a atribuição pretensamente autoexplicável, em geral, em estudos sobre função, relevância e ciclo vital de revistas de história (Costa, 2022); a atribuição autenticada pelo editor, fora do portal, na assinatura de manifestos, por exemplo (Castellucci, 2022); ou a atribuição operacional, empregando, também por exemplo, na última lista do Qualis-Capes como parâmetro principal, secundado por critérios de ocasião, como procedido em pesquisa recente – “usou-se um marcador reconhecido pela comunidade [o Qualis]... No sistema online Sucupira são arrolados 361 registros de periódicos classificados como A1 no quadriênio 2017-2020 para a área de História.” Em nota, o autor descreve nova triagem particular sem, também, explicitar os critérios: “Muitos periódicos arrolados inicialmente [no Qualis, estão ligados a] estudos específicos de Geografia, Artes Cênicas e outros. Aqui, foram analisados aqueles vinculados aos estudos historiográficos ou junto a áreas como Educação e Sociologia” (Silveira Martins, 2024, p. 160-161. Grifo nosso).

Esses exemplos sugerem que a designação “de história”, ao fim e ao cabo, se faz em um processo de escolhas e disputas, obviamente. É uma questão de identidade e, portanto, um problema político. Em sua construção, definidores mobilizam variáveis que remetem a distintos tipos de lógica, desde princípios aristotélicos, hegelianos, até os pressupostos de lógicas alternativas ao formato clássico, circulantes no ambiente acadêmico: As coisas podem ser e não ser no mesmo tempo e espaço? As coisas podem ser em um tempo e espaço e passarem a não ser (ou serem outra coisa) em outro tempo ou outro espaço? Quem tem o poder final de arbitrar a identidade da coisa, os editores via foco/escopo, os consumidores de certo campo organizados em associação, o Estado via políticas públicas de incentivo ou a combinação entre Estado e sociedades de estudiosos? Qual atitude demarca a designação da identidade, o “prescrever” do escopo (criadores/editores da revista), “produzir” do articulista, o “escolher” o título daquele que submete o trabalho, o “triar” textos por parte dos editores-chefes ou o “dar parecer” do avaliador doutor? Qual relação, afinal, predomina entre os sujeitos que estabelecem (temporariamente) a identidade da revista, subordinação, negociação, disputa, consenso ou hegemonia? Para estas questões, todas as respostas do tipo “sim”, “não”, “sim” e “não” e “depende” serão aceitas, considerando a situação comunicativa que está a exigir a identificação.

No nosso caso, queremos precisar o termo “revista de história” porque estamos interessados em mapear com alguma precisão os fazeres do profissional de História por formação acadêmica. Com regularidade, via resenhistas ou corpo editorial, a revista *Crítica Historiográfica* mapeia regularmente a produção nacional “de História”, quantifica, correlaciona e atribui valor ao trabalho de autores, editores e instituições. Esta atividade exige determinação de pesos e responsabilidades que nos levam, obrigatoriamente, à classificação e à hierarquização de periódicos, exigindo uma definição operacional que viabilize a crítica em seus diferentes matizes. Tomando como pressuposto que tais veículos, há dois séculos, são instrumentos de criação, fortalecimento e reprodução do campo e considerando as fragilidades apontadas acima (em termos de regulação Estado-sociedade),

nós também criamos uma classificação que responde “sim” a todas as perguntas do topo do parágrafo anterior.

Assim, diante da lacuna constatada sobre a matéria, por exemplo, em artigos publicados nos últimos cinco anos (Ferreira; Abrantes; Corrêa, 2024; Silva; Silva Júnior, 2020; Castellucci, 2022; Costa 2022), definimos revistas de história a partir de indicadores físicos, funcionais e políticos. Em termos formais/editoriais, revistas de história são publicações em qualquer suporte (revista impressa, nativo-digital, impressa e digital e digitalizada retrospectivamente), editadas em unidades físicas sucessivas, designadas numérica e/ou cronologicamente de forma contínua e de duração indefinida (ISSO 8:2019; ABNT NBR 6021).

Em termos intra-funcionais, revistas de história são criadas e mantidas para comunicar (CAPES Qualis 2023) gêneros textuais que marcam progressiva e complexamente as atividades dos profissionais de História vinculados a uma instituição, que vão dos meios de produção (fontes, resumos e instrumentos de pesquisa), passando pela produção efetiva (os artigos originais e o depoimento autoral sobre as pesquisas – entrevistas), pelas formas de controle e legitimação da referida produção (as revisões de literatura e as resenhas) e alcançando a repercussão extra institucional dos resultados dessa produção (manifestos, moções e cartas abertas).

Em termos sócio-políticos, por fim, revistas de História são mecanismos realizados por três indicadores: (1) ancoragem em instituições responsáveis pela reprodução formal da ciência da História (cursos, departamentos, faculdades, institutos de História, centros de estudos, grupos de pesquisa, laboratórios e programas de pós-graduação em História, associações de profissionais de História, associações de profissionais vinculados a domínios específicos de História); (2) explicitação, na descrição de foco/escopo, da sua vinculação à “História”, “História de/a [...]”, “[...] de/a História”, “[...] Histórica/o”, “historiografia”, “historiografia de/a [...]”, “[...] historiográfico/a”); e (3) explicitação nos títulos e/ou subtítulos a vinculação à área ou subárea, empregando termos realistas (“História”, “História de/a [...]”, “[...] de/a História”, “[...] Histórica/o”, “historiografia”, “historiografia de/a [...]”, “[...] historiográfico/a”) ou em termos metafóricos (“tempo”, “memória”, “biografia”, “passado” etc.).

3. Ensaçando pesos para classificação das “revistas de História”

Explicitar os indicadores que incluem revistas na categoria “de História” é o primeiro passo no sentido construir instrumentos que viabilizem o conhecimento exaustivo da produção em termos de resenhas e artigos na área de História e a representatividade das categorias, problemas, domínios e autores que constroem a área. Contudo, o modo como uma revista realiza essa vinculação, como vimos acima, é bastante variável. Uma revista que não declara ser “de história” de modo realista ou metafórico no título, por exemplo, não está excluída do rol das históricas. O mesmo acontece com revistas que não apresentam vinculação direta ou metafórica na declaração de escopo ou mediante a instituição de custódia. Em outros termos, é a combinação da efetividade dos indicadores quem vai definir adiante os limites da exclusão e inclusão. Essa situação nos obriga, novamente, a estabelecer pesos no interior de cada um dos três indicadores que possibilitem a mensuração da aderência ao domínio da História, domando a extensão, por exemplo, das duas centenas e meia de títulos e dos mais de 30 mil textos publicados nos últimos cinco anos. Aqui, informamos e

justificamos os pesos individuais de cada indicador e, em seguida, os pesos no interior de cada critério.

O primeiro indicador é a instituição de custódia. Ela é a responsável pela criação e manutenção da revista. É também a instância que apresenta maior estabilidade de fins e estruturas no tempo, não sendo suscetível a mudanças conjunturais de identidade. Sabemos que um programa de pós-graduação em História “é”. Ele pode até reestruturar as suas áreas de concentração ou linhas de pesquisa, mas continua a “ser” um programa de pós-graduação “em” ou “de” História. Por esta razão, o critério da custódia recebeu o maior peso (12 pontos).

O segundo indicador é declaração de foco e escopo. Ela é determinada por agentes que atuam no interior da instituição de custódia, sendo mais suscetível a mudanças conjunturais pelos editores de ocasião. Assim, uma revista pode deixar de buscar por resultados de pesquisas originais em História ou deixar de destinar o seu espaço para pesquisadores de História ou acrescentar outros domínios e perfis de possíveis colaboradores. Por isso, o critério da declaração de foco e escopo deve receber peso intermediário (8 pontos).

O terceiro indicador é existência de declaração formal de vinculação à ciência da História no título e/ou no subtítulo da revista, que pode se dar de maneira realista (“História de...”) ou metafórica (“Revista Tempos...”). Os títulos, como as designações das instituições, são, em geral, perenes. Contudo, revistas criadas e mantidas por instituições “de história” e com foco e escopo declarados “de História” ou “História de...” podem fazer homenagens, denúncias ou explicitar um valor no seu título ou no seu subtítulo. Por essa razão, esse critério recebeu o menor peso (4 pontos).

Além de estabelecer os pesos para os três indicadores de ancoragem, foi necessário distribuir pontos no interior de cada um dos critérios, considerando, novamente, a extensão (próximo/distante) desse pertencimento em relação à ciência da História. Assim, para a instituição de custódia, cujo peso máximo é de 12 pontos, estabelecemos a seguinte graduação: 12 pontos para programas de pós-graduação e para custódia compartilhada entre programas de história e programas de outras áreas; 10 pontos para cursos superiores (licenciaturas e bacharelados) de História, departamentos de História, associações, sociedades e institutos de domínio histórico ou profissional em História; 8 pontos para grupos, laboratórios, núcleos de pesquisa, estudo em história, institutos históricos, institutos de História, centros de documentação, pesquisa e estudo em história; 6 pontos para programas de pós-graduação outras áreas, associações, sociedades, e/ou institutos de domínio/profissional em outras áreas, arquivos, bibliotecas, museus, memoriais e centros de documentação; 4 pontos para grupos, laboratórios, núcleos de pesquisa ou estudo em outras áreas; 2 pontos para redes, custódia de grupos independentes, plataformas, coletivos e/ou comunidades/independente, para universidades, institutos federais, fundações, centros, institutos no interior de IES, faculdades autônomas de outras áreas, editoras e livrarias; e 0 ponto para os casos de não indicação da instituição.

No critério foco/escopo, cujo peso máximo é de 8 pontos, atribuímos 8 pontos às revistas que apresentam declaração explícita de serem periódicos de História ou de aceitarem trabalhos de historiadores, utilizando expressões realistas como “História”, “História de/a [...]”, “[...] de/a História”, “[...] Histórica/o”, “historiografia”, “historiografia de/a [...]” ou “[...] historiográfico/a”, “conhecimento histórico” e “fontes históricas”, “alunos de história”, “ensino de História”, “graduandos de “história”, “pós-graduandos de história”, “professores de História”, “profissionais de História”, “pesquisadores de História”,

“historiadores” e “...historicidade”. São atribuídos 6 pontos quando a declaração articula História a outra área (como em “História e Educação” ou “História e Cultura”). Atribuímos 4 pontos às que subordinam a história a outra área (ex: trata-se de uma revista de “Ciências Sociais e História”). Atribuímos 2 pontos quando há declaração de foco/escopo multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar que inclua referências à História ou correlatos, “História”, “História de/a [...]”, “[...] de/a História”, “[...] Histórica/o”, “historiografia”, “historiografia de/a [...]” ou “[...] historiográfico/a”, “conhecimento histórico” e “fontes históricas”, “alunos de história”, “ensino de História”, “graduandos de “história”, “pós-graduandos de história”, “professores de História”, “profissionais de História”, “pesquisadores de História”, “historiadores” e “...historicidade”. Atribuímos, por fim, 0 ponto às que não fazem qualquer referência realista ou metafórica à “história” ou a elementos do seu campo semântico, mas pontuam no critério custódia e/ou título.

Já no critério Título/Subtítulo, com peso máximo de 4 pontos, recebem 4 pontos as revistas que trazem termos identificadores realistas — “História”, “História de/a [...]”, “[...] de/a História”, “[...] Histórica/o”, “historiografia”, “historiografia de/a [...]”, “[...] historiográfico/a”, 3 pontos para as que trazem termos identificadores metafóricos, como “tempo”, “memória”, “biografia” e “passado”, e 2 pontos quando não apresentam nenhuma referência, direta ou metafórica, ao campo histórico mas explicitam vínculos de ancoragem nos critérios de custódia e/ou foco/escopo. Também para este critério, consideramos a declaração que expressa a maior pontuação.

Com o estabelecimento de indicadores, critérios e pesos conseguimos construir um corpus designado revistas brasileiras de História. Contudo, afirmar a existência das revistas não é declarar que todas elas estão produzindo à plena carga. Com base no tempo decorrido desde sua última publicação, podemos identificar operacionalmente as situações de fluxo editorial, distribuindo as revistas em cinco classes – considerando período fechado o intervalo de 2021-2024, referente ao ciclo de avaliação do Qualis-CAPES.

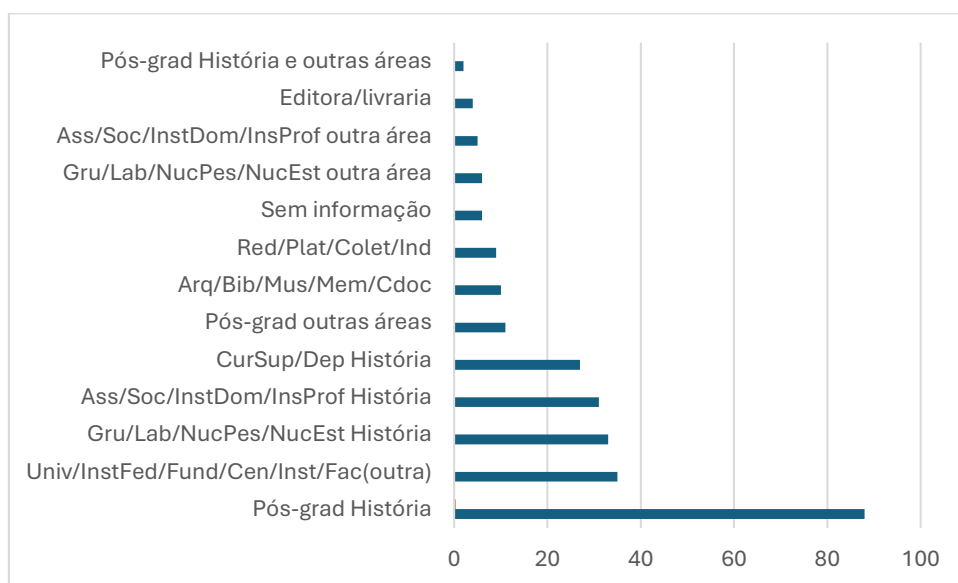
O marcador “2025”, no título deste texto, tem a ver com um atraso prudencial para coletar os dados de 2024. Em geral o ano de referência de um volume ou número não coincide com o ano de efetiva publicação (o ano que o material é disponibilizado no site). Algumas revistas até antecipam em 11 meses ou um ano a postagem de um número, resultando da publicação em janeiro de 2024, por exemplo, do número relativo a 2024. A maioria, contudo, opera de modo contrário, postando até em janeiro de 2025 o número relativo ao ano de referência 2024. Por essa razão a nossa cartografia insere agosto de 2025 no título.

Tomadas essas precauções, criamos esta tipologia do fluxo editorial em cinco rótulos: As ativas são aquelas que publicaram ao menos um número em cada um dos últimos quatro anos (2021-2024) – período de referência para a última avaliação do Qualis/CAPES. As intermitentes são as que publicaram ao menos um número nos últimos quatro anos (2021-2024). Consideramos inativas recentes as que não publicaram no quadriênio atual (2021-2024), mas publicaram ao menos um número no quadriênio anterior (2017-2020). Já as inativas prolongadas não publicam desde 2017. Por fim, as descontinuadas são as que explicitaram o encerramento da publicação no próprio site em qualquer tempo da sua existência, mas mantém, na maioria dos casos, todos os recursos do portal (excetuando-se a ferramenta de submissão).

4. Editores

Há dois anos, segundo levantamento do site *Resenha Crítica*, as revistas de História que possuíam um endereço na internet, mediante o qual comunicavam um agrupamento mínimo de identificadores – título, responsável, foco/escopo, número atual, números anteriores, normas de submissão e contato – totalizavam 213. À época, alertávamos para a possibilidade de este número crescer e, efetivamente, foi o que ocorreu. A ampliação do número de revistas se deu menos em razão do lançamento de periódicos que em termos de ampliação das estratégias de busca que incluíram: (1) consulta às bases indexadoras de revistas na América Latina e na Europa (SciELO, Latindex, Sumários.org, entre outros) que, não necessariamente, classificam as revistas por campos de conhecimento e, quando classificam, se diferenciavam nos critérios; (2) Consulta às listas de revistas tipificadas como “de história” pelos dois últimos relatórios do Qualis-CAPES em todos os extratos; (3) Consulta aos regulares repositórios ou portais de periódicos de instituições de ensino superior; e a (4) Consulta aos breves inventários e às notícias sobre chamadas e lançamentos para números livres ou dossiês, disponíveis em Associações profissionais ou de domínio, como os sites da Associação Nacional de História (ANPUH) em suas instâncias nacional e estaduais, de Associações de domínio histórico, de programas de Pós-Graduação em História e de Grupos de Pesquisa. Qualquer alteração nesses provedores de fontes pode indicar uma alteração no número total de revistas de História em cada ano.

Gráfico 1. Distribuição das revistas brasileiras de História por instituição de custódia



Produzido pelos autores

Examinados estes canais de informação, constatamos que, hoje (agosto de 2022), entre nativo-digitais, impressas e digitais e digitalizadas retrospectivamente, existem 267 revistas de história produzidas por nacionais em território nacional detentoras de um site na Internet com acesso gratuito ao seu acervo, custodiadas por mais de sessenta tipos de instituição. Desse total, 10 revistas são autoidentificadas como revistas feitas por ou destinadas a discentes de graduação e/ou de pós-graduação, a exemplo da *Revista Espacialidades*, focada na relação História/Espaço e vinculada Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e a *Faces da*

História, custodiada pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

Os cursos de pós-graduação em História são o ator central na criação e manutenção dessas revistas, respondendo por 88 periódicos (33%) do total de 267 identificados. Em seguida, aparecem instituições acadêmicas de caráter mais amplo — universidades, institutos federais e fundações de outras áreas — com 35 títulos (13%), seguidas por grupos, laboratórios e núcleos de pesquisa em História (33 revistas, 12%) e por associações/sociedades profissionais de História (31 revistas, 12%). Os cursos de graduação e departamentos de História também têm peso considerável, com 27 títulos (10%).

Os demais segmentos têm participação menor, mas indicam diversidade: programas de pós-graduação de outras áreas (11 revistas, 4%), arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação (10, 4%), e até mesmo iniciativas independentes, coletivas ou burocraticamente não institucionalizadas (9, 3%). As categorias residuais incluem revistas ligadas a outras áreas do conhecimento — grupos de pesquisa (6, 2%) e programas de pós-graduação (2, 1%) —, editoras/livrarias (4, 2%), associações de outras áreas (4, 2%) e institutos históricos tradicionais (1, <1%). Há ainda 6 casos sem informação clara (2%).

Estes números não correspondem à totalidade das instituições referenciadas. Evidentemente, uma revista que declara custódia imediata de um grupo. Na sequência, em geral, informa a vinculação à universidade. No levantamento acima, contudo, consideramos apenas a custódia de maior peso, segundo os critérios listados no tópico 3. Este é o caso da revista *Fato & Versões*, do Grupo de Pesquisa "História, Cultura e Sociedade", da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, que foi classificada como revista “de” grupo de pesquisa, indicador de maior proximidade com a área. Também é o caso da *Dimensões – Revista de História da UFES*, que já apresenta a Universidade no subtítulo. Isso explica o número reduzido de instituições de nível superior, por exemplo. Ali, no quadro, estão apenas as IEs cujas revistas indicaram vinculação direta e imediata à Universidade, como no caso da *Revista Teoria e História da Arquitetura*, que declara ser “da” Universidade Federal do Paraná. Com as revistas “de” programas de pós-graduação a distorção é quase zero, ou seja, o que está no gráfico reflete a realidade. A *Semina*, por exemplo, não interpõe nenhuma instituição de custódia entre o seu nome e o Programa de Pós-Graduação em História da UPF.

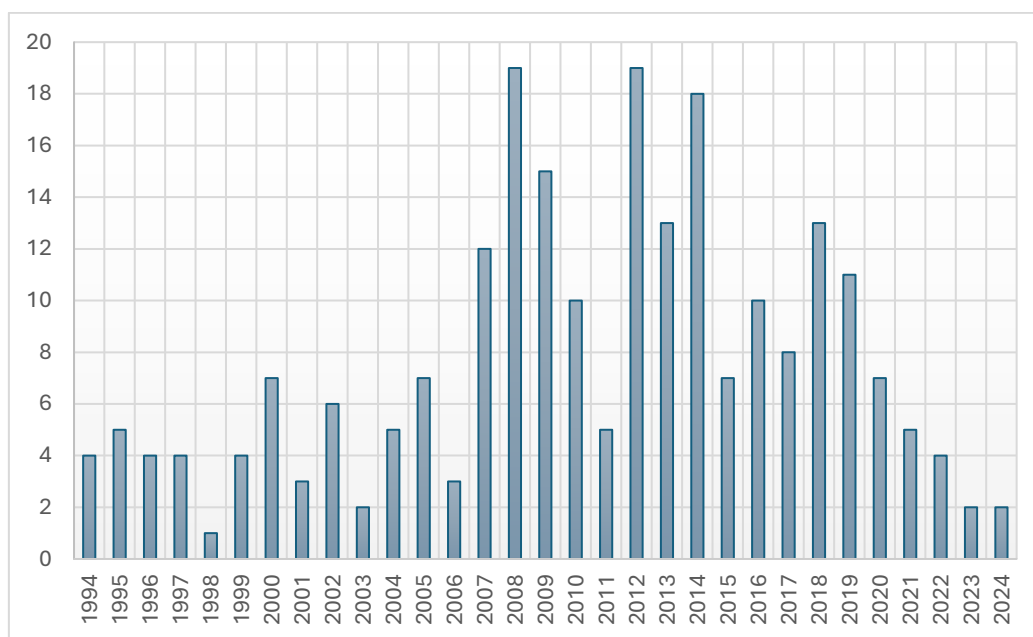
Os dados confirmam, então, que o sistema editorial em História no Brasil é amplamente institucionalizado dentro da academia, com protagonismo dos programas de pós-graduação em História e de suas estruturas associadas, embora abrigue uma pluralidade de iniciativas, que vão de entidades profissionais a experiências independentes, embora estas representem fatia muito menor do universo analisado.

5. Resiliência e fluxos

Mesmo que as revistas inventariadas aqui não constituam a totalidade da experiência nacional na matéria (considerando que as revistas que circulam exclusivamente em suporte impresso não foram inventariadas), é possível conjecturar que a criação de revistas brasileiras de História ocorreu de maneira esparsa durante o século XIX até os anos 80 do século XX, marcada por experiências ligadas a institutos históricos e museus e as iniciativas

de departamentos de História, cursos de graduação e de pós-graduação em História ensaiadas na década de 60 do século passado.² Nesse período, destacam-se, por exemplo, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* (1860) e os *Anais do Museu Paulista* (1922), que cumpriam funções de memória institucional e preservação documental em diálogo estreito com projetos de construção identitária do Estado. Na segunda metade do século XX, emergem as primeiras revistas custodiadas por cursos de formação superior em história, como a *Revista História São Paulo* (1963), a *Revista de Estudos Ibero-Americanos* (1975) e a *Clio-Revista de Pesquisa Histórica* (1977).

Gráfico 2. Distribuição das revistas brasileiras de História por ano de criação



Produzido pelos autores

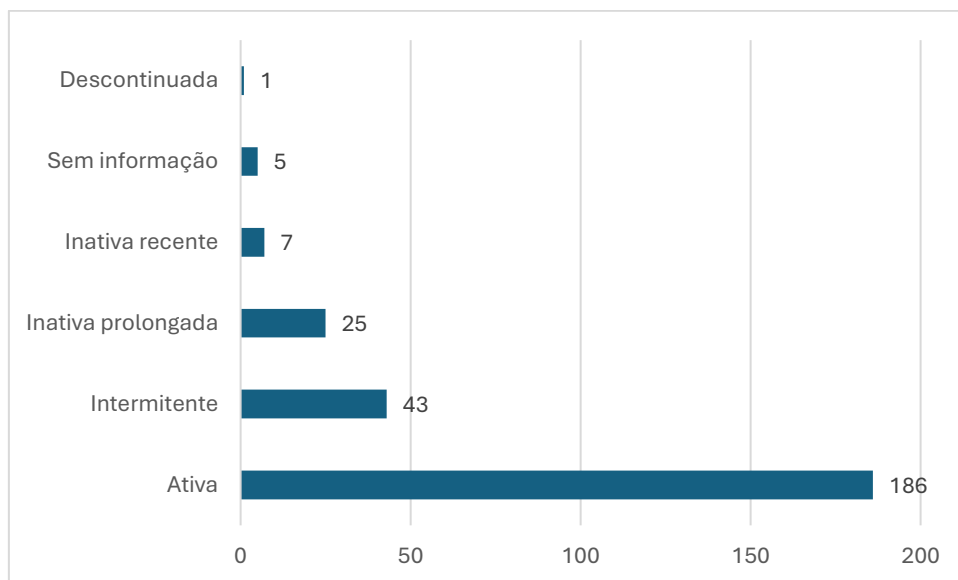
Observando o gráfico 2, constatamos um movimento irregular de criação de revistas, que ganhou impulso na década de 1990, como evidenciam a criação da *Dimensões - Revista de História da UFES* (1990), ligada a um programa emergente, e da *Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História* (1993), vinculada à UFRGS. Esse crescimento se intensifica ao longo da década de 2000, culminando em um verdadeiro boom editorial entre 2008 e 2010, quando quase 20 periódicos foram lançados por ano – casos da *História da Historiografia* (2008), voltada para reflexão teórica e metodológica, e da *Tempo e Argumento* (2009), organizada pela UDESC, que se consolidou como espaço de discussão sobre o Tempo Presente.

Nos anos seguintes, identificamos uma queda gradual, mas ainda com números expressivos até meados da década de 2010, período em que surgem a *Revista Outras Fronteiras* (2014) e a *LaborHistórico* (2015). A partir de 2016, entretanto, a curva declina de forma mais clara, embora novas iniciativas continuem a aparecer, como a *Revista Discente Ofícios de Clio* (2016),

² É importante não esquecer que estamos tratando apenas de revistas que mantêm os seus acervos na Internet. Este gráfico representa o que possuímos em banco de dados coletados nos portais dos periódicos respectivos. O banco não incorpora títulos digitalizados e arquivados em bibliotecas, museus e centros de documentação. Nosso critério é considerar apenas o que pode, efetivamente ser consultado com os mecanismos originais das revistas, mesmo as que já estão inativas.

voltada para a formação acadêmica de jovens historiadores, e a *Jamaxi – Revista de História e Humanidades* (2017), lançada pela UFAM com ênfase em perspectivas amazônicas. Nos últimos anos, o movimento se estabiliza em patamares baixos, ainda assim com exemplos recentes como *(Entre)Linhas – Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFOP* (2022), que amplia o debate disciplinar no campo da História, e a *Crítica Historiográfica* (2024), voltada à metanálise da produção histórica, o que sugere um campo já consolidado, mas em processo de saturação editorial.

Gráfico 3. Distribuição das revistas brasileiras de História por fluxo editorial



Produzido pelos autores

Conhecida a emergência das revistas no tempo, é hora de saber quantas dessas revistas permanecem em circulação. Considerando os critérios apresentados no tópico 3, percebemos estado atual do fluxo editorial das revistas brasileiras de História demonstra positivo dinamismo: 186 títulos (72,1%) publicaram ao menos um número em cada ano do quadriênio 2021-2024, critério que as define como ativas no período relativo à última avaliação do Qualis/CAPES. Neste primeiro grupo estão, por exemplo, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* e a *Revista Brasileira de História*. Em seguida, aparecem 43 periódicos intermitentes (16,7%), que conseguiram lançar ao menos um número no quadriênio, mas com falhas de periodicidade. Foram os casos, entre outros, da *Revista de História Comparada* e da *Ars Historica*. Já 7 revistas (2,7%) são classificadas como inativas recentes, pois não publicaram entre 2021 e 2024 (com base na coleta encerrada em agosto de 2025) mas tiveram atividade no quadriênio anterior (2017-2020): a *Revista Ingesta* (2019-2020) e a *Revista Eletrônica Discente História.com* (2013-2020). Outras 25 (9,7%) estão inativas prolongadas, sem publicações desde 2017, como a *Revista Paraibana de História* (2014-2016) e a *Revista História e Perspectivas* (1988-2018). São raros os casos de revistas descontinuadas que informam tal condição oficialmente em seu portal, como o fez a *Cultura Histórica e Patrimônio* (2012-2017) que encerrou as atividades neste ano de 2025. Ainda que não declarem oficialmente, revistas como o *Cadernos de História* (1989-2007) e a

Textos de História - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB (1993-2009) também encerraram suas atividades.³

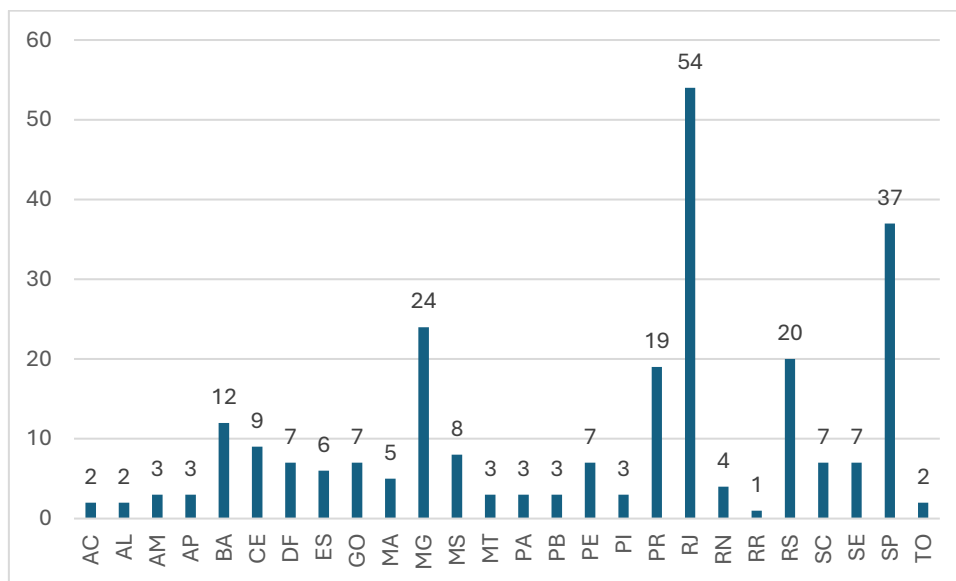
Comparando os dados do gráfico acima, com uma possível confirmação do encerramento de atividades das revistas que consideramos inativas prolongadas (o que é pouco provável), chegaríamos a uma situação em que no período 2007 e 2020 (anos de possível descontinuidade de revistas), a taxa de mortalidade relativa seria de aproximadamente 18,1%: ou seja, de cada 100 revistas criadas, 18 não teriam sobrevivido ao período. Em termos médios, nasceram cerca de 9 revistas por ano, enquanto 1,6 revistas por ano podem ter sido descontinuadas. Isso significa que, mesmo com um ciclo de mortalidade expressivo, o saldo permaneceria altamente positivo, já que a expansão superaria amplamente as perdas.

Estes dados e projeções nos levam à conclusão de que a ampliação e a resiliência das revistas brasileiras de História contrariam os raros textos que tratam da matéria. Contrariam, inclusive, um inventário mais recente, que apontava para o Brasil 13 periódicos revisados por pares e 53 títulos não revisados por pares (Hérubel, 2008, p. 243).

6. Distribuição espacial

Os dados coletados também nos possibilitam visualizar espacialmente a distribuição dessas revistas, observando eventuais pontos de concentração e dispersão.

Gráfico 4. Distribuição das revistas brasileiras de História por estado



Produzido pelos autores

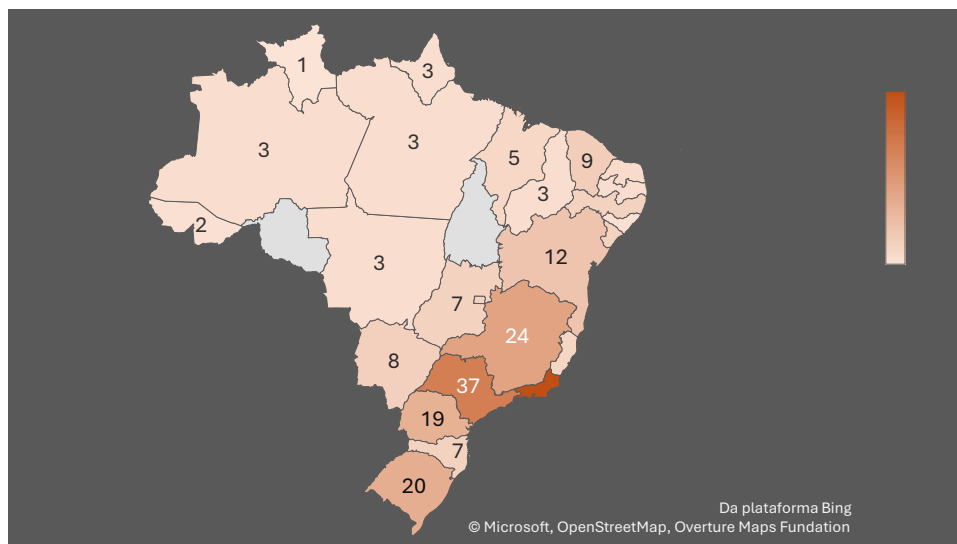
A distribuição das revistas por estado pode ser dividida em quartis, revelando diferentes concentrações supra regionais. No primeiro quartil (Q1), situam-se os estados com menor número de periódicos (até 3 cada), como RR (1), AC e TO (2 cada), além de AL, AM, AP, MT, PA e PB (3 cada). Juntos, somam 23 revistas (cerca de 9%), evidenciando baixa

³ Os 2% restantes correspondem a 6 periódicos cujos dados não foram coletados por falta de clareza da situação atual no site ou por estarem indisponíveis no momento da consulta..

representatividade editorial. O segundo quartil (Q2) abrange estados com produção intermediária (4 a 8 revistas), como RN (4), MA (5), ES (6), DF, GO, PE e SE (7 cada), além de MS e SC (8 cada), totalizando 59 revistas (22%), o que representa presença estável, mas ainda modesta. O terceiro quartil (Q3) corresponde aos estados com 9 a 20 periódicos: CE (9), BA (12), PR (19) e RS (20), que juntos reúnem 60 revistas (22%), formando polos regionais mais consolidados de circulação acadêmica. Já o quarto quartil (Q4) concentra os grandes eixos editoriais nacionais: MG (24), SP (37) e RJ (54), responsáveis por 115 revistas (43%). A análise reforça a forte concentração regional, em que RJ, SP e MG se destacam como centros dominantes de publicação, enquanto a maior parte dos estados permanece com baixa ou moderada inserção no cenário editorial histórico.⁴

Outra forma de ler os dados do Gráfico 4 é considerar os resultados absolutos de cada estado, reagrupados em macrorregiões. Ali, constatamos a soma do número de revistas do Rio de Janeiro, com 54 revistas, seguido de São Paulo (39), Minas Gerais (25), Rio Grande do Sul (20) e Paraná (19) resulta na metade no número de periódicos brasileiros.

Gráfico 5. Dispersão das revistas brasileiras de História entre os estados



Produzido pelos autores

O gráfico 5 apresenta a dispersão das revistas por todos os 26 estados brasileiros, ainda que de forma desigual. O Rio de Janeiro e São Paulo aparecem como centros editoriais dominantes, enquanto estados como Roraima (1), Acre (2), Alagoas (2) e Tocantins (2) concentram apenas uma fração mínima. Essa distribuição evidencia tanto a centralização da produção em grandes centros acadêmicos quanto a capilaridade da atividade editorial, que alcança inclusive estados de menor tradição universitária, ampliando o alcance da produção historiográfica nacional.

Correlacionando dados da distribuição espacial com a custódia e o fluxo, percebemos que se confirma a forte centralização da produção editorial em estados do eixo Sul-Sudeste, especialmente Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, que concentram quase metade das

⁴ Os 4% restantes correspondem a 10 periódicos cujos dados não foram coletados por ausência no site ou por estarem indisponíveis no momento da consulta.

revistas da área, fenômeno explicado possivelmente pela concentração de programas de pós-graduação em História. Por outro lado, podemos afirmar que as revistas de História estão presentes em todo o Brasil e que tanto as taxas de inatividade (recente e prolongada), como as taxas de intermitência são proporcionais aos números que revelam a concentração.

7. Quais focos declaram...

A leitura comparada do “foco”, “escopo”, “missão” ou “temática” ou simplesmente das abas intituladas “sobre a revista” nos permite perceber alguns padrões. Nesses elementos das revistas predomina a declaração de que a revista tem por meta publicar trabalhos (38%) seguida pelas metas de divulgar, difundir ou disseminar domínios, áreas ou temáticas (27%), apontar a destinação (14%) a temas ou agentes de ensino e pesquisa e estimular ou fomentar pesquisa (6%) em domínios e áreas.⁵ Entre os objetivos residuais estão a promoção do diálogo entre agentes e áreas, a problematização de temas, a defesa de teorias, o fortalecimento e consolidação de domínios. No conjunto, portanto, as revistas se colocam entre o trabalho protocolar de difundir e a tarefa de reproduzir e fazer avançar as pesquisas em seus respectivos campos.

Após estes verbos – principalmente quando a intenção do editor é anunciar a dedicação a um profissional – os complementos “historiador”, “pesquisador”, “aluno”, “discente”, “pós-graduando”, “pesquisador” e “professor”⁶ são referentes residuais. Dominante é a entrega da área do conhecimento. Desconsiderando o rótulo (disciplina, campo e área), percebemos que os focos convergem para quatro classes: 1. revista de História *e...*; 2. revista *de* História; 3. revista *sobre* determinado objeto não disciplinarizado; 4. revista especializada em domínio institucionalizado, grafado nas seguintes formas: “História *de*...” ou “...*de* História”.

Dentro do primeiro grande grupo (“História *e...*” ou “...*e* História”), cerca de 43% das descrições de foco/escopo (97 revistas) sugere diálogo com grandes áreas – História e Ciências Sociais e História e Ciências Humanas, ou o seu inverso, Ciências Humanas *e* História. Também sugere a História interagindo com outras áreas – Antropologia, Geografia, Ciência Política. Cerca de ¼ dessas revistas explicitam as correlações por meio dos termos interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e “diálogo”. Número igual corresponde aos que empregam o genérico “História e áreas afins”. Contabilizando todos os substantivos indicadores de “campo”, “área” ou “disciplina” (incluindo suas repetições), chegamos a um total de 219 ocorrências em 62 domínios.

Nesse rol, as Ciências Humanas representam a maior parte, com 160 ocorrências (73,1%), englobando Filosofia (16), Geografia (13), Educação (10), Relações Internacionais/Política Externa (10), Artes (10), Sociologia (10), Letras (9), Linguística (7), Direito (6), Literatura (6), Ciência Política (6), Arqueologia (5), Psicologia (5), Serviço Social (3), Pedagogia (3), Comunicação (2), Jornalismo (2) e outras áreas específicas como Estudos Culturais, Patrimônio Cultural, Paleografia, Estudos Clássicos, Estética, Teoria da Educação,

⁵ Estes números se referem a 230 títulos, já que as 267 revistas consultadas, 37 (14%) não fornece foco escopo, por estarem disponíveis ou por identificarem missão, objetivo ou temática da revista apenas pela custódia.

⁶ Ainda mais residuais do gênero feminino – “professora” (aparece em cinco revistas), “pesquisadora” (2) “historiadora” (1), “pós-graduanda” (1), “mestranda” (1), “doutoranda” (3). A maioria (3/4 das revistas), contudo, menciona diretamente a “área” ou “campo” no qual se radica, raramente referindo-se a “disciplina”.

Teologia, Epigrafia e Cinema. Em seguida aparecem as Ciências Sociais Aplicadas, com 15 registros (6,9%), incluindo Arquivologia (4), Museologia (4), Administração e Gestão (2), Ciências Contábeis (1), Biblioteconomia (1) e Ciência da Informação (1).

As demais grandes áreas são residuais. As Ciências Exatas e da Terra vêm logo depois, com 4 ocorrências (1,8%), distribuídas em Matemática, Informática e Epistemologia das Ciências Naturais. Os outros campos específicos – Gastronomia e Ciências da Vida – também somam 4 registros (1,8%). As Engenharias/Multidisciplinares reúnem 2 casos (0,9%), representados por Arquitetura e Urbanismo e Tecnologias da Informação e Comunicação. As Ciências Biológicas aparecem igualmente com 2 ocorrências (0,9%). Por fim, tanto as Ciências da Saúde quanto as Ciências Agrárias registram presença residual, com 2 ocorrências (0,9%) e 1 ocorrência (0,5%), respectivamente. Assim, a ordem rigorosa dos percentuais confirma a supremacia das Ciências Humanas, seguidas por áreas aplicadas e técnicas em proporções bem menores. Estes números servem apenas para conhecermos a extensão dos escopos. O peso que cada uma dessas ciências possui, o tipo de relação que entretém com a história depende de estudo individualizado, algo que providenciaremos ao longo dos próximos meses, aqui nesta seção “Observatório” da revista *Crítica Historiográfica*.

Revistas autodesignadas como “...de História” são a segunda ocorrência típica (25%). Elas contabilizam 58. Mais da metade desses títulos, como a *História São Paulo, Clío – Revista de Pesquisa Histórica* e *Veredas da História* foram criadas antes de 2010. Essa proporção se inverte quando o escopo focado em Histórias de domínio são o objeto do foco/escopo (15%). Revistas especializadas como a *Intelligere – Revista de História Intelectual*, *Modos – Revista de História da Arte*, *Revista Brasileira de História da Educação* e *Revista Brasileira de História das Religiões* são periódicos criados após 2010. Ainda que as primeiras revistas de nicho, como a *Revista de História da Arte e Arqueologia*, *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos* e a *Esboços – Histórias em Contextos Globais* tenham sido fundadas em 1994, mais da metade dos títulos dessa classe é posterior a 2010. Dos domínios conhecidos por sua inserção nos currículos do ensino escolar e do ensino superior, encontramos as revistas sobre as histórias Antiga, Medieval, da América e da Historiografia. A História do Brasil, contudo, é apenas citada na revista de História Militar.

As demais revistas focam em objetos (10%), a exemplo *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, que privilegia o “passado” de Grécia e Roma, *Revista de História Regional*, que foca as “práticas sociais e culturais” dos processos de regionalização em sua historicidade. O foco residual destaca abordagens/perspectivas (1%), como a *Revista Ruris - abordagens históricas e antropológicas* (entre outras) sobre o “mundo rural” e *Marx e o Marxismo – a defesa da “concepção materialista da História”*.

Estes números nos levam a concluir que prováveis mudanças epistemológicas e políticas nos domínios da História – com destaque para a especialização – são exteriorizadas na designação de subcampos como título de revista e, inversamente, na diminuição do ritmo e da frequência de lançamentos de revistas genéricas “de História”. Este aumento poderia ser explicado, também, por causa da dificuldade de os autores publicarem nos tradicionais periódicos genéricos? Poderia ser compreendido como uma reação à concentração espacial citada no tópico 6? Não temos resposta hipotética para a questão, mas os números também mostram que o discurso sobre a importância da interdisciplinaridade em História se realiza de modo frágil no escopo das revistas. São, principalmente, os rótulos de “Humanidades” e de “Ciências Sociais” que predominam em meio a algumas tentativas de “história e...” e “... e História”. Os números também permitem levantar a hipótese de que revistas “nacionais”

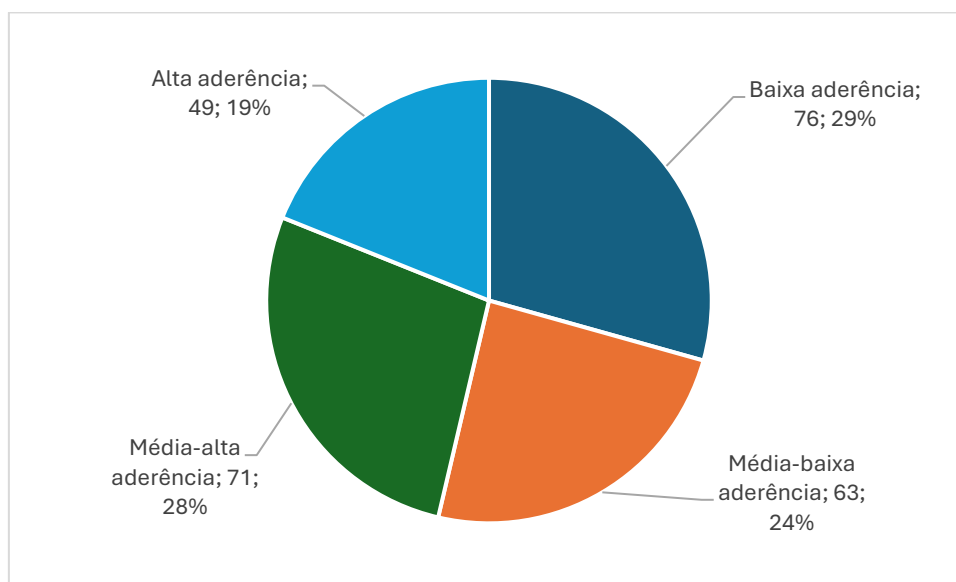
arrefeceram, em favor de revistas de nicho e que são, também, nichos em termos espaciais. Os dados indicam, por fim, os objetos e/ou domínios do conhecimento que permanecem distantes das instituições históricas fornecedoras de graus em História. Além da história da educação, e das ciências, técnica e tecnologia, percebemos que o direito, medicina, enfermagem, a arquitetura, artes, linguagens, espaço, natureza e meio ambiente já encontraram os seus lugares legitimados de historicização acadêmica (no formato revista).

8. Ensaio de classificação por níveis de aderência à área de História

Com os números coletados até aqui, é possível estabelecer um primeiro experimento de classificação das revistas, considerando o grau de aderência à ciência da História. Importante ressaltar que grau de aderência não significa nível de qualidade do periódico. Significa apenas que as declarações de foco/escopo e o peso da custódia na reprodução do domínio histórico lhe situam mais ou menos próximo da área de História. A qualidade individual dos periódicos, como sabemos, pode ser medida com o emprego de outros indicadores, a exemplo de relevância e inovação dos trabalhos, longevidade e regularidade da revista, número de acessos aos textos e capilaridade em termos de citação dos seus trabalhos em teses, dissertações, livros e capítulos de livro. Outra ressalva necessária diz respeito aos pesos. Como indicamos no título do tópico, fazemos um ensaio. Isso significa que outros ensaios podem ser feitos, alterando os pesos, excluindo o ampliando os indicadores sugeridos no tópico 3.

Esclarecidos os termos do ensaio e empregando a divisão dos escores em quartis, constatamos que a distribuição apresenta certa heterogeneidade. A faixa de baixa aderência (até 14 pontos) concentra a maior parte dos casos, com 29,3%, seguida de perto pela média-alta aderência (19 a 22 pontos), que reúne 27,4%. Já a média-baixa aderência (15 a 18 pontos) corresponde a 24,3% do total, enquanto a alta aderência (23 pontos ou mais) representa 18,9%.

Gráfico 6. Distribuição das revistas brasileiras de História por grau de aderência à área



Produzido pelos autores

A classificação é por grupos de aderência. Contudo, os números aferidos por cada revista variam, dados os diferentes referentes colhidos no interior de cada indicador. Assim, os exemplos que se seguem são efetivamente ilustrativos. No grupo de mais alta aderência estão 49 revistas que totalizaram 23 pontos ou mais, em 24 pontos possíveis. São, por exemplo, os casos da *Revista de Teoria da História* (24 pontos), custodiada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG) e com foco em História (Teoria da História, Filosofia da História, História da Historiografia, Metodologia da História, História, História Intelectual, História das Ideias e dos Conceitos, História e Filosofia das Ciências), e da *Revista Brasileira de História das Religiões*, do Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Grupo de Trabalho de História das Religiões e Religiosidades da Associação Nacional de História (GTHRR/ANPUH).

No grupo de média-alta aderência estão, a *Das Amazônias – Revista Discente dos Cursos de História da Universidade Federal do Acre*, com foco na área de História (22 pontos), e a *História Hoje – Revista de História e Ensino*, da ANPUH (20 pontos). Na sequência, em médio-baixa aderência, estão, por exemplos: a revista *Diálogos da Modernidade* (17 pontos), editada pelo Laboratório Saberes e Sabores: História da Alimentação e das Práticas de Cura, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que declara vínculo com a Historiografia luso-brasileira e interesse na publicação de trabalhos de História Intelectual Institucional, e os *Cadernos do Tempo presente*, custodiada pelo Grupo de Estudos do Tempo Presente (16 pontos), da Universidade Federal de Sergipe (Gtempo/UFS), que declara receber trabalhos de historiadores, geógrafos, cientistas sociais e jornalistas, entre outros.

Com escores relativos à baixa aderência, são exemplos a revista *Rumos da História*, custodiada pelo Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (IFES), mas que não informa aderência à História em seu escopo (6 pontos), e a revista *Intellectus* (14 pontos), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com foco em Historiografia, teoria e metodologia da História.

Como podemos ver, com base no ensaio de classificação, os números revelam um equilíbrio relativo entre os diferentes níveis, mas com maior concentração nos polos de baixa e média-alta, sugerindo que a produção se distribui de forma desigual, sem predomínio destacado de uma única categoria.

9. Conclusões

Recapitulemos os principais pontos que apresentamos neste texto. Em primeiro lugar, a definição do que constitui uma “revista de História” permanece um terreno em disputa, em que se entrecruzam critérios formais, funcionais e políticos. Se, por um lado, há indicadores normativos e regulatórios (como o Qualis/CAPES), por outro, a designação “de História” depende também da autodeclaração editorial e do reconhecimento comunitário, o que demonstra o seu caráter identitário e político. Além do estabelecimento de indicadores para a definição, a atribuição de pesos diferenciados para os indicadores de custódia, escopo e título nos permitiu construir uma ferramenta operacional de classificação, que distingue diferentes níveis de aderência ao campo da História, sem pretender medir a qualidade de cada periódico.

Ao longo do texto também afirmamos que, em termos de número, a expansão das revistas brasileiras de História é expressiva: são 267 revistas em circulação em agosto de 2025, a maior parte delas de acesso aberto e com forte vinculação institucional à pós-graduação, reforçando a centralidade das universidades e programas de História no processo editorial. Quanto à resiliência, ainda que haja um ciclo vital marcado por descontinuidades e mortalidade relativa (cerca de 18% no período 2007–2020), a criação de novos periódicos continua superando largamente as perdas, resultando em saldo positivo e consolidando o campo. No que diz respeito à distribuição espacial, percebemos forte concentração regional: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais sediam quase metade das revistas, embora haja capilaridade suficiente para que todas as regiões brasileiras estejam representadas. Sobre os focos e escopos analisados, conhecemos a predominância de revistas que se definem pela História em diálogo com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, confirmando a hegemonia do rótulo disciplinar ou de “áreas afins”, mas também indicando tendências de especialização em nichos temáticos e subcampos consolidados. Por fim, em breve ensaio de classificação por aderência, foi-nos possível demonstrar o equilíbrio entre os diferentes níveis, com leve prevalência de revistas de baixa e média-alta aderência, o que aponta para uma diversidade de vínculos institucionais e editoriais, sem a predominância absoluta de um único modelo.

Nos próximos textos a serem publicados nesta seção (Observatório das Revistas Brasileiras de História), detalharemos este perfil explorando outros indicadores que revelem tendências. Ampliaremos o escopo da análise das revistas brasileira de História, investigando, por exemplo, as estratégias de legitimação utilizadas por editores para definir revistas como “de História”, “interdisciplinares de História” e “interdisciplinares com História” e, sobretudo, identificando padrões retóricos e epistemológicos em resenhas e artigos de revisão da literatura. A revisão e a atualização dos dados aqui apresentados, conseqüentemente, serão objeto de atenção contínua. Qualquer contribuição neste sentido será muito bem-vinda.

Referências

ARAÚJO, Valdeí; CEZAR, Temístocles. The forms of history in the nineteenth century: the regimes of autonomy in Brazilian historiography. *Historiein*, v. 17, n. 1, 2010. Disponível em

<https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/historein/article/view/8812>> Capturado em 4 mar. 2018.

BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

CASTELLUCCI, Aldrin et. al. Por uma política de valorização das revistas acadêmicas na área de História. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 29, 2022. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/124358/84831>>

COSTA, Aryana. A Revista de História e a Constituição de um Campo para a História Acadêmica no Brasil (1950-1960). *Antíteses*, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 362–390, 2020. DOI: 10.5433/1984-3356.2020v13n25p362. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/in>

DALTON, Margaret Stieg; CHARNIGO, Laurie. Historians and Their Information Sources. *College & Research Libraries*, v. 65, n. 5, p. 400-425, 2004.

FERREIRA, M. M. G.; ABRANTES, E. S.; CORRÊA, H. M. M. VINTE ANOS DA REVISTA OUTROS TEMPOS: retrospecto e perspectivas. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História*, [S. l.], v. 21, n. 37, p. 1–9, 2024. DOI: 10.18817/ot.v21i37.1139.

HÉRUBEL, Jean-Pierre V. M. Acknowledging Clio's lesser children: the importance of journals for historical research and scholarship. *Journal of Scholarly Publishing*, Toronto, v. 39, n. 3, p. 241-254, Apr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.3138/jsp.39.3.241>.

LINGELBACH, Gabriele. The institutionalization and professionalization of history in Europe and the United States. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila. *The Oxford History of historical writing*. v. 4: 1800-1945. New York: Oxford University Press, 2011b. p.78-96.

MUELLER, Susana Pinheiro Machado. O periódico científico. In: CAMPELLO, Bertadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p.73-95.

NICOLAZZI, Fernando. *História e historiadores no Brasil: do fim do Império ao alvorecer da República: 1870-1940*. Porto Alegre: Editora da Puc/RS, 2015.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias no século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

SILVA, Augusto César Acioly Paz; SILVA JUNIOR, Venício José da. A revista Peleja: História e desenvolvimento de um periódico acadêmico nos sertões pernambucanos (1979 – 1984). *HISTÓRIA UNICAP*, Recife, PE, Brasil, v. 7, n. 13, p. 286–298, 2020. DOI: 10.25

SILVEIRA MARTINS, Raquel. Entre lives e dossiês: o uso das redes sociais digitais por revistas acadêmicas de História. *Revista Histórias Públicas*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 156–177, 2024. DOI: 10.36704/rhp.v2i4.8417. Disponível em: <https://revista.uemg.br/>

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (dir.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003. p.2030-269.

ZEITER, Elias. El campo historiográfico argentino em la democracia. Transición profesionalización y renovación. *Estudios Historicos*, n. 3, p. 1-19, diciembre, 2009.

Apêndice

Lista das revistas brasileiras de História em agosto de 2025

1. (Entre)Linhas - Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFOP
2. 29 de Abril - Revista de História
3. AbeÁfrica - Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos
4. Acervo - Revista do Arquivo Nacional
5. Aedos
6. Afro-Ásia
7. Albuquerque - Revista de História
8. Alétheia - Estudos sobre Antiguidade e Medievo
9. Almanack
10. Ameríndia - História, cultura e outros combates (2006-2019)
11. Anais do Museu Histórico Nacional
12. Anais do Museu Paulista
13. Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História
14. Antíteses - Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social
15. ARS (São Paulo)
16. Ars Histórica
17. ArtCultura - Revista de História, Cultura e Arte
18. Aurora - Revista de Ciências Sociais
19. Bahia com História (2015-2017)
20. Bantu - Revista de Educação, História e Patrimônio Cultural (2018-2018)
21. Bellum - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército [2024]
22. Boletim CDAPH
23. Boletim Cearense de Educação e História da Matemática
24. Boletim do Tempo Presente
25. Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Ciência (2013-2020)
26. Boletim Historiar
27. Cadernos de África Contemporânea
28. Cadernos de História
29. Cadernos de História (1989-2007)
30. Cadernos de História da Educação
31. Cadernos de História UFPE 2002-2020
32. Cadernos de Pesquisa do CDHIS
33. Cadernos do CEOM
34. Cadernos do Tempo Presente
35. Caliandra - Revista de História da ANPUH GO [2021]
36. Caminhos da História
37. Canoa do Tempo - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas
38. Centúrias - Revista Eletrônica de História [2023]
39. Classica - Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
40. Clio - Revista de Pesquisa Histórica
41. Convergências: estudos em Humanidades Digitais (CONEHD)
42. Cordis - Revista Eletrônica de História Social da Cidade
43. Crítica Histórica

44. Crítica Historiográfica
45. Cultura Histórica e Patrimônio | UNIFAL | 2012-2017/2025
46. Das Amazônias - Revista Discente dos Cursos de História da Universidade Federal do Acre
47. Diálogos
48. Dia-Logos - Revista Discente da Pós-Graduação em História | UERJ
49. DIálogos sobre a Modernidade
50. Dimensões - Revista de História da UFES
51. Domínios da Imagem
52. Em Perspectiva - Revista do PPGH/UFC
53. Em Tempo de Histórias
54. Embornal (2010-2017)
55. Ensaio de História
56. Esboços - Histórias em Contextos Globais
57. Escripturas - Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/Petrolina
58. Escritas - Revista do Curso de História de Araguaína
59. Escritas do Tempo - Revista do Programa de Pós-Graduação em História | UNIFESSPA
60. Examâpaku - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais (2008-2015)
61. Exilium: Revista de Estudos da Contemporaneidade
62. Faces da História - Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História | UNESP
63. Fato & Versões
64. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais
65. Filosofia e História da Biologia
66. Fronteiras - Revista Catarinense de História
67. Fronteiras - Revista de História
68. Fronteiras e Debates [Não publicou nenhuma edição]
69. Gaia
70. Gnarus - Revista de História e Educação
71. Heródoto - Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas conexões Afro-asiáticas
72. Hipátia - Revista Brasileira de História, Educação e Matemática
73. HistELA
74. História - Questões & Debates
75. História da Enfermagem - Revista Eletrônica (HERE)
76. História da Historiografia
77. História Debates e Tendências - Revista do Programa de Pós-Graduação em História | UPF
78. História do Direito - Revista do Instituto Brasileiro de História do Direito (IBHD)
79. História e Cultura
80. História e Cultura
81. História e Diversidade (2014-2018)
82. História e Economia
83. História em Revista - Revista do Núcleo de Documentação Histórica
84. História Hoje - Revista de História e Ensino
85. História Oral

86. História Revista
87. História São Paulo
88. História Unicap
89. História&Ensino
90. História, Histórias
91. História, Natureza e Espaço - Revista Eletrônica do Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Espaço da Baixada Fluminense
92. Historiae (2010-2019)
93. Horizontes Históricos
94. Humanidades em Revista
95. Ícone - Revista Brasileira de História da Arte
96. Intellèctus
97. Intelligere - Revista de História Intelectual
98. Jamaxi - Revista de História e Humanidades
99. Jornal Brasileiro de História da Medicina
100. Khronos – Revista de História da Ciência
101. Kwanissa – Revista de Estudos Africanos E Afro-Brasileiros
102. LaborHistórico
103. Leste Vermelho (2015-2017)
104. Locus - Revista de História
105. Manduarisawa - Revista Discente do Curso de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
106. Mare Nostrum
107. Marx e o Marxismo
108. Medievalis
109. Meridiano 47 - Journal of Global Studies
110. Mnemosine Revista
111. Modos - Revista de História da Arte
112. Monções - Revista de Relações Internacionais da UFGD
113. Monções - Revista do Curso de História da UFMS/CPCH (2014-2018)
114. Mosaico - Revista de História
115. Mundo Antigo em Resenha
116. Mundo Livre - Revista Multidisciplinar Discente
117. Mythos – Revista do Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval
118. Navegar - Revista de Estudos de E/Imigração (2015-2017)
119. Oficina do Historiador
120. Outros Tempos
121. Palavras ABERrtas
122. Passagens - Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica
123. Patrimônio e Memória
124. Pergaminho
125. Perseu: História, Memória e Política (2017-2021)
126. Perspectiva Histórica (2011-2020)
127. Perspectivas e Diálogos - Revista de História Social e Práticas de Ensino | UNEB | 2018
128. Philía - Jornal Informativo de História Antiga (1999-2018)
129. Phoînix

130. Politeia - História e Sociedade [Indisponível na Internet]
131. Ponta de Lança
132. Projeto História
133. Raca - Revista de Alimentação e Cultura das Américas
134. Recôncavo - Revista de História da UNIABEU (2011-2018)
135. Recorde - Revista de Histórias do Esporte
136. Revissta Encontros
137. Revista Ágora
138. Revista Angelus Novus
139. Revista Anômalas
140. Revista Antígona
141. Revista Ateliê de História indisponível
142. Revista BBM - Biblioteca Guita e José Mindlin (2018-2020)
143. Revista Bilros - História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)
144. Revista Brasileira de Filosofia e História
145. Revista Brasileira de História
146. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais
147. Revista Brasileira de História da Ciência
148. Revista Brasileira de História da Educação
149. Revista Brasileira de Historia da Mídia
150. Revista Brasileira de História das Religiões
151. Revista Brasileira de História do Direito
152. Revista Brasileira de Historia Militar
153. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica
154. Revista Brasileira de Política Internacional
155. Revista Brasileira do Caribe
156. Revista Cadernos de Clio
157. Revista Campo da História
158. Revista Cantareira
159. Revista Confluências Culturais
160. Revista Convergência Crítica
161. Revista da Fundarte
162. Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade
163. Revista de Estudos Libertários
164. Revista de Fontes
165. Revista de História [UFBA]
166. Revista de História Comparada
167. Revista de História da Arte e Arqueologia (1994-2015)
168. Revista de História da Arte e da Cultura
169. Revista de História da UEG
170. Revista de História Regional
171. Revista de Literatura, História e Memória
172. Revista de Teoria da História
173. Revista Diálogos Mediterrânicos
174. Revista Digital Simonsen (2014-2015)
175. Revista Discente Ofícios de Clio
176. Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo
177. Revista do Exército Brasileiro

178. Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
179. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
180. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará
181. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro
182. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
183. Revista do LHIESTE - Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS
184. Revista Documentação e Memória
185. Revista Eletrônica da ANPHLAC
186. Revista Eletrônica de Antuiguidade
187. Revista Eletrônica Discente História.com (2013-2020)
188. Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
189. Revista Eletrônica História em Curso
190. Revista Eletrônica História em Reflexão
191. Revista Eletrônica Trilhas da História
192. Revista Epígrafe
193. Revista Escrita da História
194. Revista Espacialidades
195. Revista Espaço Plural
196. Revista Estudos Históricos
197. Revista Estudos Ibero-Americanos
198. Revista Fontes Documentais
199. Revista Gaia
200. Revista Galo
201. Revista Hélade (2000-2019)
202. Revista História & Luta de Classes (2005-2018)
203. Revista História & Perspectivas (1988-2018)
204. Revista História da Educação
205. Revista História do Direito: Revista do Instituto Brasileiro de História do Direito
206. Revista História e Culturas - Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História da UECE
207. Revista História Unisinos - Estudos Históricos Latino-Americanos
208. Revista História, Ciências, Saúde Manguinhos
209. Revista Historiador
210. Revista Historiar
211. Revista Histórias Públicas
212. Revista Humana RES
213. Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP
214. Revista Impressões Rebeldes
215. Revista Ingesta | USP | 2019-2020
216. Revista Jesus Histórico - Revista de Estudos sobre Jesus Histórico e sua Recepção
217. Revista Laboratórios de História (2016-2018)
218. Revista Latino-Americana de História - Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos
219. Revista M. Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer
220. Revista Maiêutica - História
221. Revista Malala, Revista Internacional de Estudos sobre o Oriente Médio e Mundo Muçulmano
222. Revista Maracanan

223. Revista Mosaico
224. Revista Mundo Antigo - História Antiga, Idade Média e Arqueologia (2012-2017)
225. Revista Mundos do Trabalho
226. Revista Navigator - Subsídios para a História Marítima do Brasil
227. Revista Nordestina de História do Brasil | UFRB/USP (2018-?)
228. Revista Outras Fronteiras | UFMT | 2014-2023
229. Revista Outrora
230. Revista Paraíba de História | ANPUH/PB | 2014-2016
231. Revista Parajás
232. Revista Piauiense de História Social e do Trabalho
233. Revista Poder & Cultura
234. Revista Reino de Clío (2014-2018)
235. Revista Rural & Urbano
236. Revista Ruris
237. Revista Sankofa
238. Revista Santa Catarina em História
239. Revista Tempo Amazônico
240. Revista Tempos Históricos
241. Revista Teoria e História da Arquitetura
242. Revista Trajetos (2001-2009)
243. Revista TransVersos
244. Revista Ultramares (2011-2015)
245. Revista Urbana | UNICAMP (2006-2020)
246. Revista Vernáculo
247. Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos
248. Rumos da História
249. Sæculum - Revista de História
250. Science and Knowledge in Focus
251. Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF
252. Sertão História
253. Signum - Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais
254. Sobre Ontens
255. Tempo - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História | UFF | 1996
256. Tempo e Argumento
257. Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História | UFMG | 2009*
258. Terra Brasilis - Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica | RBHGGH | 2000
259. Territórios & Fronteiras
260. Textos de História - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB (1993-2009)
261. Topoi - Revista de História
262. Transversal - International Journal for the Historiography of Science
263. Varia Historia
264. Veredas da História
265. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
266. Vozes, Pretérito & Devir - Revista de História da UESPI

Autores



Itamar Freitas é doutor em História (UFRGS) e em Educação (PUC-SP), professor do Departamento de Educação e dos mestrados profissional (PROHIS) e acadêmico (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Publicou, entre outros trabalhos, [Uma introdução ao método histórico \(2021\)](#) e “[Objetividade histórica no Manual de Teoria da História de Roberto Pirigibe da Fonseca](#)” (1903-1986) (2021). ID

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5606084251637102>. ID

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0605-7214>. E-mail: itamarfreitasufs@gmail.com.



Margarida Maria Dias de Oliveira é doutora em História, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Publicou, entre outros trabalhos, [Dicionário do Ensino de História](#) (2020), em coautoria com Marieta e Morais Ferreira, e [Formação dos professores de História: os desafios de uma profissão em processo de reinvenção](#). ID

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5565266295414497>; ID

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8542-4173>; E-mail: margaridahistoria@yahoo.com.br.



Jane Semeão é doutora em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). Entre outros trabalhos, publicou [Um “oásis” chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, natureza, paisagem e construção identitária do sul cearense \(1950-1970\)](#) e "[O que a Austrália tem nos ensinar?](#)" O Tempo Presente nos programas de História produzidos pela Australian Curriculum and Assessment Authority – ANCARA (2008-2013). ID: <https://orcid.org/0000-0001-6804-1640>. E-mail: janesemeao@globo.com.



Fábio Alves dos Santos é doutor em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor do Departamento de Educação (DED) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Entre outros trabalhos, publicou [Das cadeiras isoladas ao Atheneu Sergipense](#): elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX e [Aprendizagem Histórica](#): espaços, suportes e experiências. ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7318880050555416>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8969-3031>; E-mail: fabioalves@academico.ufs.br.

Para citar este artigo

FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; SEMEÃO, Jane; ALVES, Fábio; *Revistas brasileiras de História: breve perfil em agosto de 2025. Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 25, p. 55-81, jul./ago., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).